



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14586 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

CARTOGRAFIAS DA DOCÊNCIA EM ARTES: A INVENÇÃO DE SI COMO EXPERIÊNCIA ESQUIZOANALÍTICA

André Luiz de Araújo Lima - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

CARTOGRAFIAS DA DOCÊNCIA EM ARTES: A INVENÇÃO DE SI COMO EXPERIÊNCIA ESQUIZOANALÍTICA

Resumo: Este trabalho apresenta um processo de escrita cartográfica sobre a professoralidade, fissurada pelos modos operativos da fotografia, para enunciar caminhos e movimentos de subjetivação em torno da formação do professor de artes, interrogando como o fotográfico desenha/marca a professoralidade nas artes, privilegiando a imersão na experiência do pesquisador que se faz pesquisado, através da *escrita de si*. Como resultados centrais, o estudo aponta que o movimento da escrita cartográfica subverte a professoralidade pelas marcas do fotográfico; dispara problematizações sobre os processos de subjetivação do professor de arte num contexto de dissenso, rachando identidades em direção a territórios nômades e a devires minoritários na invenção de si como obra de arte. Também aponta para a constituição da docência em porvires e os dilemas pedagógicos de habitar a docência numa rede pública da educação básica e o quanto os desfazimentos experienciados nas aulas, atuam na marca e singularidade docente da professoralidade nas artes.

Palavras-chave: Professoralidade; Fotográfico; Esquizoanálise; Cartografia de si; Docência em Artes.

INTRODUÇÃO

Como é próprio da cartografia, de início, começo pelo meio. Apresento parte do processo de investigação que aponta para uma pesquisa a partir de si, tomando o campo desta investigação como o próprio tear da escrita, escrita como dispositivo esquizoanalítico e o próprio corpo do pesquisador como plano de acontecimentos no qual os dados desta investigação assumem outro corpo que se transfigura numa amálgama: corpo-escrita. Procuro atentar-me a minha atenção quanto às primeiras pistas deste estudo para mergulhar na cartografia sem um horizonte definível, talvez este denso nevoeiro se espraie e materialize imersões ainda mais profundas.

Oportuno e arriscado, de alguma forma, ou em algum lugar ainda não criado, proponho mapear as linhas topográficas de uma quase paisagem, a esquizoanálise que se insere nesta pesquisa na intenção de derreter, amolecer nódulos, invólucros, quem sabe os pontos molares de um estrato ainda pouco notado sobre a professoralidade. A esquizoanálise não impõe, nesse aspecto, um caminho linear pré-estabelecido, nem instrumentos ou dispositivos previamente selecionados: ela fere, por linha não escritas, esburacando um dos muitos planos bem cuidados, cintilantes e modelizados que tecem uma ideia ainda pairando no ar sobre algo já fixado a respeito de como venho sendo professor.

A EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA: NOS FIOS DA NAVALHA

Ao iniciar os primeiros movimentos de aproximação com o campo e experimentar algumas das estratégias de construção de dados e de análise, deixei-me levar ingenuamente por aquilo que acreditava obter em campo: minhas próprias convicções sobre o que pretendia investigar, fato destacadamente observado no momento da banca de qualificação deste estudo. Os colaboradores voluntários me entregariam exatamente aquilo que eu pretendia encontrar: ideias implícitas nas entrelinhas das perguntas apresentadas durante as entrevistas. Eu ainda estava absorto em buscar significações parametrizáveis a partir dos processos que estava vivenciando na pesquisa de campo. Ainda pulsava em mim a dicotomia moralizante, dialética, de encontrar achados pré-determinados.

Deveria eu, a partir deste mal-estar sobre os achados do campo, repensar a pesquisa como um ato de criação, uma pesquisa que se instaura a partir de um plano da imanência, incorporando as estratégias da esquizoanálise para destruir julgamentos e me concentrar nos afetos como “variação da capacidade de existir segundo um modo de acontecer”. (FUGANTI, 2021).

Entendi, depois destes movimentos iniciais com as experimentações de campo, que esta dimensão da investigação já havia se iniciado desde as minhas primeiras tentativas de achar alguns rastros de memória que me pudessem fazer ver pistas sobre meus processos de subjetivação a partir dos percursos de professoralização, marcados pelo *fotográfico*. Apesar da mudança de itinerário da pesquisa, pude aproveitar grande parte do material escrito a partir dos diários *online* para me lançar numa empreitada proustiana, em busca do tempo perdido. Era preciso ver não mais como os olhos cansados de um observador passivo, mas ver com a alegria de um visionário, um olhar porvir.

Diante destas linhas que tentam explicitar como cheguei até aqui, pretendo agora trazer a principal interrogação sobre a pesquisa de campo, que parte do próprio pesquisador e recai sobre ele mesmo: como produzir uma pesquisa qualitativa com critérios científicos pertinentes a partir da investigação do investigador sobre si mesmo sem resvalar em nebulosidades éticas ou na auto-indução, ou até mesmo em palavrórios herméticos?

Este esforço de produzir sob o fio da navalha do risco iminente de distorcer dados e subvertê-los em divagações desnecessárias me impele a pensar na seleção e consequente produção de um escopo teórico que me mantenha numa certa margem de coerência epistemológica e conceitual para este estudo, me permitindo, do mesmo modo, não naufragar na rígida estrutura acadêmica do positivismo ou no mero decalque de conceitos.

Onde, portanto, encontrar estes referenciais? Por onde começar? Como investigar o inconsciente abandonando a estrutura rígida da psicanálise ortodoxa, que me levaria a recair inevitavelmente sobre o mesmo Eu estratificado? Minha convicção inicial é de que este empreendimento deva partir de uma dimensão da experiência como um campo diante dos achados da pesquisa, ou seja, devo provocar certos afetamentos a partir dos meus relatos de experiência, seus vestígios de memória, das indagações e inquietações que me foram surgindo a partir da escrita sem, entretanto, deixar de lado os assombros do inconsciente.

O olhar pelo *fotográfico* certamente não irá esgotar esse campo de investigação e nem mesmo responder por uma reparação do Eu, mas antes tomo o *fotográfico* como um investimento para cunhar um modo de ver outro, quando o olhar perante a fotografia já está demasiadamente castigado por teorias dentre aqueles autores mais citados sobre esse tema e que são aqueles que mais a depreciam. (ROUILLÉ, 2003, p. 17)

A estratégia da escrita, que ao mesmo tempo se configura como metodologia e como tecnologia, aciona dimensões subjetivas, inscreve e instaura num plano abstrato configurações plurais e por vezes desconexas de temporalidades que, a partir das torções

provocadas pelas palavras na experiência da *escrita de si*, ganham corpo. Andréa Vieira Zanella traz uma definição relevante para tensionar estes limites estratégicos da escrita: “nesse processo, a escrita da pesquisa é considerada como tecnologia: tecno, arte de enformação da realidade em matéria significativa, que, no processo de enformação, (re)forma, (de)forma, (in)forma, enfim (re)cria a realidade e seu próprio autor”. (ZANELLA, 2008, p. 28)

Como condição dialógica, a pesquisa pressupõe um distanciamento, nesse sentido é importante pensar como produzir um estudo a partir de si sem esbarrar no relato autobiográfico, como alerta o professor Marcos Villela Pereira (2016, p. 52). Novamente Zanella traz algumas pistas:

[...] pesquisar é imergir na densidade de acontecimentos e poder destes se afastar, em um movimento exotópico, de distanciamento em relação ao vivido para, com o excedente de visão que esse distanciamento permite, poder escrever sobre o processo e dar-lhe acabamento, como diz Bakhtin (2003) ao referir-se à produção artística. E por que não pensar na escrita da pesquisa também como arte? (ZANELLA, 2008, p. 31)

Escrever para distanciar-se. Percebo na questão de Zanella uma grande pista que pode dialogar com minha intenção de explorar o campo das minhas vivências e processos de professoralização e de como fui me tornando professor de artes. Apesar do zelo que muitos pesquisadores têm em seus planejamentos sistemáticos para a entrada em campo com seus participantes, no meu caso, recebi de mim mesmo a primeira grande rasteira: deveria repensar como poderia produzir dados para o estudo e como analisá-los. Diante desta condição, na qual se apresenta o desafio de produzir dados para esta investigação, outra questão se coloca: que procedimentos de análise dos dados do campo selecionar como inspiração para esta finalidade?

A PRODUÇÃO DOS RESULTADOS EM ZONAS DE PASSAGENS

O primeiro ponto de inflexão sobre este problema acerca da escolha do método é perceber que o pensamento não é representação para uma determinada dimensão desta pesquisa. O pensamento aqui é compreendido como produção de si, criação artística, o que Foucault chamou de “arte da existência”, um campo de intensidades, para além da imagem do pensamento, não representação, pensar não como escolha mas antes como acontecimento de potência que afirma a vida como processo de diferenciação. Entretanto, compreendo que não

há escapatória quando é necessário acionar a representação quando se trata de acionar o pensamento pelas vias da ciência, da filosofia e da arte, para delimitar certos conceitos ou mesmo projetar o campo epistemológico sobre o qual repousa esta investigação, um trabalho acadêmico e científico em última instância.

A inspiração na esquizoanálise, compreendida não apenas como um referencial conceitual, mas como uma anti-teoria, é o dispositivo de produção e análise dos dados deste estudo e, nesse movimento, expõe uma conceituação sobre o Eu na perspectiva da filosofia da diferença, promovendo uma demolição do sujeito e colocando o Eu numa “zona de passagem” (FUGANTI, 2021), saindo de um Eu demasiadamente estratificado, esse inimigo real da multiplicidade, para a criação de si como campo de potencialidades de uma vida mais plena. Será que esse campo de potencialidades pode transcriar um ensino da arte menos escolarizado, desformatado e que transmutem valores a partir do *fotográfico*?

Por outro lado, considero um risco em potencial trabalhar com a esquizoanálise já de antemão. Primeiro, porque trata-se de um processo em constante abertura, os dados iniciais produzem novos dados e estes turvam uma captura precisa dos anteriormente observados para serem analisados de modo convencional, por isso torna-se frágil qualquer tentativa de capturar com certa estabilidade o que vai emergindo nesse movimento. Percebo que a própria natureza transversal da proposta esquizoanalítica subverte qualquer intenção de fechamento.

Então, tive que forjar os achados do campo como quem movimenta um pega-varetas, em movimentos de constante iminência de novas aparições e de crise. Já numa outra dimensão, sobre o risco do uso da esquizoanálise, esta talvez mais proeminente para mim como pesquisador que pesquisa os próprios movimentos do desejo, localiza-se em torno do meu isolamento social intenso durante o período da pesquisa de campo, que coincidiu com um dos momentos mais severos da pandemia da Covid-19, no ano de 2021. Estive por meses em distanciamento social dentro de casa, infectado e com sequelas desta terrível doença, rejeitando quase todo tipo de contato com pessoas, com exceção dos meus familiares mais próximos, minha mãe, minha esposa, meus dois filhos e meus sogros. Apeguei-me ainda mais intensamente à leitura, à arte e à escrita.

Disso decorrem alguns pontos importantes que colocam várias desconfianças sobre o modo como estes dados foram produzidos. Além do agravamento da crise política vivida durante o governo federal entre os anos de 2018 a 2022, que produziu um forte acirramento e antagonismo político no país, e por consequência contribuindo para um enfraquecimento do desejo e a despotencialização de forças psíquicas que ensejariam mudanças sociais e individuais intensivas, importantes para saúde mental. Numa palavra, será que eu não estaria

erigindo mecanismos de defesa contra o enfraquecimento do Eu a partir da esquizoanálise?

Em sua tarefa destrutiva, a esquizoanálise deve proceder com a maior rapidez possível, mas também só pode proceder com uma grande paciência, uma grande prudência, desfazendo sucessivamente as territorialidades e as reterritorializações representativas pelas quais um sujeito passa na sua história individual. Isto porque há várias camadas, vários planos de resistência vindos de dentro ou impostos de fora. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 420)

Apoiando-me numa estratégia de diluição de um Eu estratificado, não estaria incorrendo numa forma de disfarçar ou mesmo de negar minhas emoções, intelectualizando-as e distanciando-me da realidade e dos conflitos inerentes a proposta esquizoanalítica? Não será tudo isso um grande delírio paranoico? É um risco que pretendi correr.

CONSIDERAÇÕES FINAIS; ABERTURAS E FECHAMENTOS ESTRATÉGICOS

Nesse campo de acontecimentos aqui brevemente delineados, este professor de arte está constantemente em [de]composição, num movimento incessante de vir a ser, marcado pelo *fotográfico*. Encontra-se arremessado para fora da dominação de si mesmo, ultrapassado pelas oposições da macropolítica dos desejos reprimidos, edipianos, em direção a um cuidado de si. O que tudo isso significa? Não sei, apenas sinto uma ranhura provocada por algo em torno desta pesquisa que me impulsiona e que num certo grau me devolve a potência de viver para ir em busca do tempo perdido.

O foco que me [des]foca é agora o que outrora se tornara opaco, um sujeito em bloco, apartado de si, assujeitado pela história e que reaparece, num distanciamento necessário, percebido o quão distante poderia ainda estar, para produção de uma vida mais plena, um sujeito-em-obra (ROLNIK, 2021), como um duplo desfoque pela experiência, para turvar uma noção de unidade, de identidade, do Eu e, não menos importante, disparar uma problematização sobre os processos de subjetivação do professor de artes.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010

FUGANTI, Luiz. **Curso de Introdução à Esquizoanálise** - Aula 1 - Eu como passagem e a demolição do sujeito, 19 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pBVPjK3Wqcw>>. Acesso em: 04 de setembro de 2022.

PEREIRA, M.V. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

ROLNIK, S. **Do sujeito-em-bloco ao sujeito-em-obra. Ideias para adiantar o fim de um mundo**, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9fugzAPsfvM>. Acesso em: 19 out. 2022.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

ZANELLA, A. V. **Reflexões sobre a escrita da pesquisa como tecnologia de (re)criação de si**. Informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 11, n. 1, 2008. DOI: 10.22456/1982-1654.7126. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/7126>. Acesso em: 9 set. 2022.